

A TRADUÇÃO DE REFERÊNCIAS À LUZ DA *SKOPOSTHEORIE* –
ESTUDO DE UM CASO

Dalila Lopes

1. O conceito de referência

1.1 A *referência* pode ser definida como sendo um acto de fala, através do qual são designadas determinadas entidades do mundo real ou de um mundo possível, que assim são trazidas para o universo do discurso.

Seguindo a distinção de Searle (1969) entre três níveis de actos de fala, caracterizaríamos a referência como um acto de fala ao nível proposicional (*propositional act*), o qual se distingue, por um lado, do mero acto de pronunciar palavras ou frases (*utterance act*), e, por outro, do acto ilocutório (*illocutionary act*), como avisar, aconselhar, ordenar etc.

Como acto de fala a nível proposicional, a referência obedece a vários axiomas, nomeadamente ao axioma da existência, formulado por Searle do seguinte modo:

Whatever is referred to must exist.¹

O acto de referência resulta, não de uma relação directa entre termo de referência e objecto de referência, mas de uma relação indirecta, mediada por uma representação conceptual. Sempre que um locutor, através de uma referência, se propõe trazer determinada entidade para o universo do discurso, fá-lo por via da sua própria representação mental dessa entidade e usa, para tal, as expressões referenciais que entende adequadas a essa sua própria representação mental. Por parte do alocutário, a interpretação da expressão referencial segue exactamente o caminho inverso: a expressão referencial usada pelo locutor despoleta² no alocutário determinada representação conceptual, através da qual tentará identificar o objecto de referência.

Por conseguinte, no chamado universo do discurso, o acto de referência centra-se, não propriamente nas expressões referenciais em si, nem nos correla-

tivos do mundo real (caso existam), mas antes nos chamados *referentes discursivos*³ ou referentes textuais. Estes são entidades discursivas, cuja criação é despoletada pelas expressões referenciais e completada pelas informações veiculadas pelo enunciado onde essas expressões figuram, e pelas informações obtidas pelos processos inferenciais inerentes à interpretação de qualquer segmento de texto ou discurso⁴.

Esta noção de referente discursivo, a nosso ver fulcral em qualquer teoria de referência, permite não só descrever adequadamente o processo através do qual o acto de referência se realiza, como também explicar e resolver uma série de problemas ligados à interpretação de referências, que de outro modo se nos afiguram não solúveis.

1.2 Um desses problemas acaba por se prender com a própria interpretação do *axioma da identidade*, formulado por Searle do seguinte modo:

Whenever two expressions refer to the same object, one can be substituted for the other in a sentence without changing the truth value of the corresponding statement.⁵

Este axioma consagra portanto a substituíbilidade de expressões co-referentes, i.e., referentes ao mesmo objecto (ainda que não sinónimas). A substituíbilidade de expressões co-referentes pode ser encarada intra-língua (e é nessa base que Searle formula o axioma da identidade) ou inter-línguas, se tivermos em mente o processo de tradução. Ora, no processo de tradução, faz-se uso exactamente da substituíbilidade de expressões co-referentes, procurando encontrar, na língua de chegada, uma expressão referencial que evoque, no leitor (do texto) de chegada, um referente discursivo idêntico ao evocado no leitor (do texto) de partida.

1.3 Intimamente ligado ao axioma da identidade está portanto o *axioma da identificação*, que Searle enuncia do seguinte modo:

If a speaker refers to an object, then he identifies or is able on demand to identify that object for the hearer apart from all other objects.⁶

Quando, no processo de tradução, o tradutor faz equivaler a uma expressão referencial na língua de partida uma expressão referencial na língua de chegada,

tenta, através dessa expressão, despoletar idêntica representação conceptual; essa representação conceptual será completada pelas informações explícitas e implícitas no texto e levará então ao cumprimento, na língua de chegada, do axioma da identificação; idealmente, o receptor será então capaz de identificar o referente discursivo, i.e., será capaz de o distinguir de todos os outros.

O problema aqui subjacente é que, de facto, qualquer representação conceptual depende em certa medida de conhecimentos prévios. Assim, qualquer tentativa de criação de referentes discursivos aos quais nada corresponde na língua e cultura de chegada torna-se problemática. Nessa medida, referências, por exemplo, a objectos, entidades ou costumes típicos da cultura da língua de partida podem ser veiculadas economicamente apenas através de um termo ou expressão, que imediatamente despoleta no leitor de partida uma determinada e completa representação conceptual; para veicular essa referência no texto de chegada, será provavelmente necessário fornecer em texto, eventualmente através de notas de rodapé, definições, explicações ou explicitações que permitam ao receptor criar uma representação conceptual idêntica.

2. Uma orientação dentro das teorias de tradução: a *Skopostheorie*

2.1 Tendo em conta a problemática aqui esboçada, Reiß/Vermeer (1991) e Vermeer (2000) propoem uma teoria, a *Skopostheorie*⁷, baseada inicialmente em três princípios:

$$(1) \text{ Trl.} = f(\text{Sk})$$

Translation ist eine Funktion ihres Skopos.

$$(2) \text{ Trl.} = \text{IAZ} (\text{IAA})$$

Translation ist ein Informationsangebot in einer Zielkultur und deren Sprache über ein Informationsangebot aus einer Ausgangskultur und deren Sprache.

$$(3) \text{ Trl.} \subseteq \text{IAA} \times \text{IAZ}$$

Das Informationsangebot einer Translation wird als abbildender Transfer eines Ausgangsangebots dargestellt. Die Abbildung ist nicht eindeutig umkehrbar. [...]

NB.: Es wird von 'einem' Ausgangsangebot und 'einer' Translation gesprochen, da beide immer nur in einer Möglichkeit aus einer überabzählbar großen Menge von Möglichkeiten realisiert werden können.⁸

Estabelece-se assim o primado do objectivo da tradução, objectivo esse não necessariamente coincidente com o objectivo do texto de partida⁹: objectivo do

texto de partida e objectivo do texto de chegada podem divergir essencialmente pelo facto de texto de partida e texto de chegada se dirigirem a diferentes destinatários, que não partilham nem a mesma cultura nem a mesma língua.

The target text, the ‘translatum’, is oriented towards the target culture, and it is this which ultimately defines its adequacy. It therefore follows that source and target texts may diverge from each other quite considerably, not only in the formulation and distribution of the content but also as regards the goals which are set for each, and in terms of which the arrangement of the content is in fact determined.¹⁰

Tendo em conta esta diversidade, o objectivo da tradução pode ser definido por aquele que a encomenda, sendo, regra geral, negociado com o tradutor¹¹, a quem cabe, a partir daí, tomar uma série de decisões tradutivas que levem à consecução desse objectivo.

2.2 Do exposto, parece decorrer que, segundo esta teoria, o tradutor (em conjugação com aquele que lhe atribui a tarefa de traduzir) tem praticamente autonomia para decidir como entender em quase tudo; no entanto, dois princípios adicionais regulam a sua actividade. São estes os princípios da *coerência intratextual e intertextual*.

Se, como postulam Reiß/Vermeer, uma tradução é uma oferta de informação (princípio 2), para que essa oferta seja aceite, é necessário que a informação nela contida seja compreendida; ora a compreensão da informação contida num texto implica a atribuição de coerência ao texto:

Eine Nachricht gilt als ‘verstanden’, wenn sie vom Rezipienten als in sich hinreichend kohärent und als hinreichend kohärent mit seiner (Rezipienten-) Situation interpretiert werden kann bzw. wird.¹²

Este princípio de coerência intratextual, também chamado regra da coerência, é por vezes infringido quando o tradutor se prende demasiado ao significado de palavras e esquece o seu sentido no texto, e quando o tradutor não toma em devida consideração os conhecimentos prévios que o receptor da tradução possa ter sobre as culturas em que se inserem texto de partida e texto de chegada¹³. Infracções à regra da coerência prejudicam a consecução dos princípios 1, 2 e 3.

O princípio da coerência intratextual, ou regra da coerência, deverá no entanto ser conjugado com o princípio da coerência intertextual ou regra da fidelidade. Segundo a *regra da fidelidade*, entre texto de partida e texto de chegada deve registrar-se uma relação de coerência que deverá ser entendida a três níveis:

Die Regel besagt: Miteinander kohärent sein müssen (1) die vom Produzenten im Ausgangstext enkodierte Nachricht in der Rezeptionsweise durch den Translator, (2) die vom Translator als Rezipient dieser Nachricht interpretierte Nachricht, (3) die vom rezipierenden Translator als (Re-)Produzent enkodierte Nachricht für den Zielrezipienten.¹⁴

Segundo Reiß/Vermeer, esta regra da fidelidade submete-se à regra da coerência; essa submissão decorre de tudo o exposto sobre a *Skopostheorie*, acrescentando ainda a simples razão de que o receptor de uma tradução não dispõe normalmente do texto de partida para que possa efectuar comparações e averiguar o cumprimento da regra da fidelidade¹⁵.

As duas regras que acabamos de expor constituem os princípios 4 e 5 da *Skopostheorie* e são enunciadas por Reiß/Vermeer do seguinte modo:

(4) Ein Translat muß in sich kohärent sein.

$N_{Trl.} \xrightarrow{k} Sit_R$

(5) Ein Translat muß mit dem Ausgangstext kohärent sein.

$N_{Trl.} \xrightarrow{fid} N_{Trl.} \xrightarrow{fid} N_R$
 $P_e \qquad R_{ipr} \qquad d^{16}$

(em que *e*=enkodiert, *ipr*=interpretiert e *d*=dekodiert).

Este conjunto de cinco princípios é completado por um sexto, que estabelece a hierarquização dos cinco princípios enunciados:

(6) Die angeführten Regeln sind untereinander in der angegebenen Reihenfolge hierarchisch geordnet. ('verkettet').¹⁷

2.3 Ao colocarem a regra da fidelidade hierarquicamente abaixo de todos os outros princípios, Reiß/Vermeer contrapõem a sua teoria a uma longa linha de orientação nos estudos sobre tradução que privilegiava a fidelidade ao texto de partida¹⁸, e marcam em certa medida uma nova orientação.

Deve, no entanto, referir-se que esta nova orientação vinha já a ser esboçada, nomeadamente em alguns estudos dos anos 60 e 70, onde são mais marcantes as preocupações com a interpretabilidade do texto para o leitor de chegada do que as preocupações com a fidelidade ao texto de partida. Nestes estudos, que não procuram propriamente apresentar uma teoria de tradução, pretendia-se fundamentalmente definir o conceito de equivalência em tradução e apresentar, de forma mais ou menos sistemática, algumas soluções para os chamados problemas de tradução.

3. Tradução de referências marcadamente culturais: estudo de um caso

3.1 Tendo em conta o exposto, examinemos agora um caso de uma referência marcadamente cultural, e além disso circunscrita a um determinado período histórico, o da segunda guerra mundial e do pós-guerra na Alemanha.

A referência em questão ocorre no romance de Heinrich Böll, *Haus ohne Hüter*, enquadrada no excerto seguinte:

Nella hatte hellblondes Haar. Sie sah genau aus wie die Frauen in den Rassenbüchern, nur weniger langweilig.¹⁹

Analisando a referência a *Rassenbücher* dentro do enquadramento teórico respeitante ao conceito de referência exposto em 1, temos portanto que postular a existência (ontológica ou não) de um referente discursivo correspondente (axioma da existência), a possibilidade da substituição da expressão referencial *Rassenbücher* por outra co-referente (axioma da identidade) e a possibilidade da identificação, por parte do leitor, do referente discursivo assim criado (axioma da identificação).

No contexto em que o romance e a referência se enquadram, a expressão referencial *Rassenbücher* evocava uma determinada representação conceptual, que correspondia aliás a um designado com existência ontológica: tratava-se de livros que propagandeavam a supremacia da chamada “raça germânica”, e que constituíam um dos meios de propaganda nazi. Para um leitor do texto de partida, contemporâneo ou familiarizado com a história da época, a expressão *Rassenbücher* despoletava de imediato uma representação conceptual, que permitia a identificação da referência.

3.2 Em tradução, a referência a *Rassenbücher* torna-se problemática. Se tivermos em conta o exposto em 2, nomeadamente o facto de o objectivo do texto de partida e objectivo do texto de chegada poderem divergir essencialmente pelo facto de texto de partida e texto de chegada se dirigirem a diferentes destinatários, que não partilham nem a mesma cultura nem a mesma língua, e ainda o facto de, de acordo com a *Skopostheorie*, a regra da coerência se sobrepor à regra da fidelidade, teremos que concluir que uma tradução dita literal desta referência – por exemplo através de uma expressão como “livros sobre raças” – não se poderá considerar adequada. Para um leitor português actual, tal expressão não evoca provavelmente nenhuma representação conceptual²⁰ e, conseqüentemente, não permite a identificação do referente discursivo veiculado pela expressão referencial do texto de partida.

3.3 Para que o leitor (do texto) de chegada interprete adequadamente uma referência deste tipo, será portanto necessário proceder a uma sobre-explicação, i. e., a um qualquer tipo de paráfrase que forneça explicitamente mais informação sobre o referente do que a expressão referencial (do texto) de partida. Alguns autores como Blum-Kulka (2000) adiantam aliás a hipótese de que a sobre-explicação constitui uma tendência prevalecente em tradução²¹; tal hipótese, a ser confirmada, sê-lo-á certamente no caso de tradução de referências marcadamente culturais, caso em que se torna particularmente difícil o cumprimento do axioma da identificação para o leitor (do texto) de chegada.

Para sobre-explicitar, o tradutor dispõe basicamente de duas opções: ou parafraseia e explicita a expressão referencial no próprio (corpo do) texto, ou traduz a expressão referencial de modo dito literal e fornece as informações adicionais que entende necessárias à interpretação dessa expressão em nota de rodapé.

3.4 Do texto de Böll aqui em estudo, analisámos a tradução portuguesa de Jorge Rosa, editada pela *Livros do Brasil*. Para o citado excerto onde ocorre a referência a *Rassenbücher*, o tradutor opta pela seguinte equivalência:

O cabelo de Nella era louro muito claro. Parecia mesmo uma das mulheres dos livros em que se celebra a raça germânica, apenas menos enfadonha.²²

A sobre-explicação, conseguida por via de construção de pós-determinação constituída por relativa restritiva, fornece aqui, no (corpo do) texto de chegada, a informação necessária e suficiente para a interpretação e identificação da referência.

Em outras ocorrências de referências marcadamente culturais, o tradutor opta por uma explicação através de notas de rodapé. Assim, para o excerto original seguinte,

In einem Wäldchen, das ein geschleiftes Fort umgab, hatte er [Scherbruder] prompt eine Rieseneiche ausfindig gemacht, um die herum er einen Kreis wegrodend ließ. Das nannte er Thingplatz und dort spielte er mit seinen Jungen, sang mit ihnen.²³

o tradutor opta pela seguinte equivalência,

[Scherbruder] Não tardara a descobrir um enorme carvalho numa mata que cercava um forte demolido, e em torno desse carvalho abriu uma clareira a que pôs o nome de Thingplatz e onde brincava e cantava com os seus alunos.²⁴

que completa por via de uma nota de rodapé do seguinte teor:

Referência a velhos ritos germânicos que os nazis procuraram reviver. No ‘Thingplatz’ celebravam-se antigos festivais e reuniões do povo.²⁵

Sem uma nota do tradutor, referências marcadamente culturais como a veiculada por esta descrição tornar-se-iam incompreensíveis para um leitor de chegada de cultura média.

3.5 A referência a *Rassenbücher* e as referências a velhos ritos germânicos ressuscitados pelos Nazis integram-se num dos *Leitmotive* deste romance: o Nazismo na Alemanha, quer durante o período da 2ª Guerra, quer durante o período do pós-guerra. Se teoricamente o Nazismo foi politicamente erradicado na Alemanha no período do pós-guerra, a verdade é que ele persistiu, e persistiu exactamente porque continuou a ser um referente discursivo, e um referente discursivo ao qual correspondem representações conceptuais diversas e por vezes até opostas. É interessante verificar neste romance que, para os pré-adolescentes Martin e Heinrich (personagens que têm direito a perspectiva narrativa), a palavra “Nazis” não corresponde a um conceito claro – nem poderia

corresponder, na medida em que são dois jovens da geração do pós-guerra –, mas antes evoca uma representação conceptual que agrega referências a mortes, torturas e campos de concentração²⁶.

E de novo encontramos dentro desta vaga representação conceptual que a palavra “Nazis” evoca nos jovens do pós-guerra referências que no texto de partida são veiculadas de modo sintético, por exemplo através de siglas, e que no texto de chegada necessitam de maior explicitação:

[...] Glums Haarlosigkeit, Glums Zahnlosigkeit hatten eine Ursache. KZ. Glum war im KZ gewesen.²⁷

Na medida em que a sigla *KZ* nada evoca para um leitor de cultura média do texto de chegada, o tradutor optou então pela tradução da correspondente designação por extenso (*Konzentrationslager*):

[...] essa calvície, essa falta de dentes [de Glum] tinham uma causa. O campo de concentração. Glum estivera num campo de concentração.²⁸

4. Considerações finais

A tendência para a sobre-explicação, postulada por Blum-Kulka (2000) como prevalecente em tradução, parece constituir-se como uma tendência particularmente forte no que concerne à tradução de referências marcadamente culturais.

Dessa sobre-explicação incluímos neste artigo três exemplos que configuram três estratégias de sobre-explicação em tradução:

- (1) Paráfrase (no caso vertente, de um lexema composto por aglutinação – *Rassenbücher*) explicitando informação implícita para um leitor do texto de partida).
- (2) Explicitação por via de notas de rodapé (no caso vertente, fornecendo informações adicionais para a compreensão e interpretação de um rito).
- (3) Descompactação da informação veiculada por siglas (no caso vertente, tradução da correspondente designação por extenso).

A opção por qualquer destas estratégias competirá, de acordo com a *Skopostheorie*, ao tradutor, tendo em conta os princípios enunciados e a respectiva hierarquização. Seria interessante, no âmbito de um outro trabalho, proceder a uma análise de um maior número de ocorrências, com o objectivo de verificar

em que medida o tradutor recorre com maior ou menor frequência a qualquer destas estratégias.

¹ J. Searle, *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*, Cambridge: CUP, 1969, p. 77. À primeira vista, esta formulação parece estar em contradição com a definição de referência apresentada no início de 1.1., na medida em que tal definição considera a possibilidade de referência a entidades de um mundo possível. No entanto, a existência ontológica de determinada entidade não constitui condição necessária para que a ela se possa fazer referência. Qualquer entidade com existência ficcional é passível de ser referenciada: “References to fictional (and also legendary, mythological, etc.) entities are not counter-examples. One can refer to them as fictional characters precisely because they do exist in fiction”. SEARLE, *Speech Acts*, p. 78.

² Usamos aqui propositadamente o termo ‘despoletar’, correspondente aos termos usados por Cornish *déclancher* e *trigger*. F. Cornish, “Anaphore pragmatique, référence, et modelles du discours” in *L’anaphore et ses domaines*, eds. Georges Kleiber e Jean-Emmanuel Tyvaert, Paris: Centre d’Analyse Syntaxique de L’Université de Metz, 1990, p. 87.

³ A designação remonta a Karttunen (1976) e vem sendo usada nos trabalhos mais recentes sobre referência e anáfora.

⁴ Para um estudo mais detalhado do processo de construção de referentes discursivos em texto, vide, entre outros, Cornish, “Anaphore pragmatique” e G. Kleiber, *Anaphores et Pronoms*, Louvain-la-Neuve: Duclot, 1994, pp. 55-56 e passim.

⁵ Searle, *Speech Acts*, p. 97.

⁶ Searle, *Speech Acts*, p. 79.

⁷ *Skopos*, do grego *skopós*, na acepção de objectivo ou fim. K. Reiß e H. Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, Tübingen: Niemeyer, 1991, p. 96.

⁸ Reiß/Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 105.

⁹ Reiß/Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 103.

¹⁰ H. Vermeer, “Skopos and Commission in Translational Action”, in *The Translation Studies Reader*, ed. L. Venuti, London, New York: Routledge, 2000, pp. 222-223.

¹¹ É importante que o tradutor seja devidamente informado do objectivo que se pretende atingir com a tradução que lhe é encomendada: “The aim of any translational action, and the mode in which it is to be realized, are negotiated with the client who commissions the action. A precise specification of aim and mode is essential for the translator. [...] Skopos and mode of realization must be adequately defined if the text-translator is to fulfil his task successfully”. Vermeer, “Skopos and Commission”, p. 221.

¹² Reiß/ Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 109.

¹³ Vide exemplos em Reiß/ Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 112.

¹⁴ Reiß/ Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 114.

¹⁵ Reiß/ Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 115.

¹⁶ Reiß/ Vermeer, *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*, p. 119.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Veja-se, por exemplo, em L. Venuti, ed., *The Translation Studies Reader*, London and New York: Routledge, 2000, e, de entre os estudos publicados entre 1900 e 1940, o texto de Benjamin “The Task of the Translator”, onde se defende a opção por traduções literais (mesmo quando estas constituem desvios em relação ao uso corrente na língua de chegada) de modo a obter uma tradução ‘transparente’, que não ‘cubra’ o texto original, mas antes o liberte. W. Benjamin, “The Task of the Translator” in *The Translation Studies Reader*, ed. L. Venuti, London and New York: Routledge, 2000, pp. 21-22. Veja-se também na mesma colectânea, e de entre os estudos publicados entre 1940 e 1960, o texto de Nabokov “Problems of Translation: *Onegin* in English”, onde o autor critica veementemente as traduções que têm como objectivo uma fácil leitura para o público da língua de chegada, e advoga a fidelidade ao texto de partida por via da tradução literal, expressão que aliás considera tautológica, pois, na sua concepção, apenas a tradução literal é tradução. V. Nabokov, “Problems of Translation: *Onegin* in English” in *The Translation Studies Reader*, ed. L. Venuti, London and New York: Routledge, 2000, pp. 70-77.

¹⁹ H. Böll, *Haus ohne Hüter*, München: dtv, 1998, p. 222, sublinhado nosso. Tradução para português de Jorge Rosa: *Casa Indefesa*, Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

²⁰ O termo ‘raça’ é actualmente considerado pelos antropólogos como aplicável aos humanos no seu todo, mas não a qualquer eventual subdivisão baseada em características físicas. O termo ‘raça’ é actualmente apenas usado para designar subdivisões de animais baseadas em características físicas; assim, a expressão ‘livros sobre raças’ pode, para um leitor português actual, evocar algo como livros onde se identificam e descrevem raças de animais, por exemplo, cães, o que, no co-texto da referência em questão seria, para além de incoerente, ridículo.

²¹ Note-se, no entanto, que Blum-Kulka advoga a necessidade de que esta hipótese seja confirmada por mais estudos empíricos. S. Blum-Kulka, “Shifts of Cohesion and Coherence in Translation” in *The Translation Studies Reader*, ed. L. Venuti, London and New York: Routledge, 2000, pp. 312 e ss.

²² Böll, *Casa Indefesa*, tradução de Jorge Rosa, p. 234, sublinhado nosso.

²³ Böll, *Haus ohne Hüter*, p. 222.

²⁴ Böll, *Casa Indefesa*, tradução de Jorge Rosa, p. 234.

²⁵ Böll, *Casa Indefesa*, tradução de Jorge Rosa, p. 234.

²⁶ B. Balzer, *Das literarische Werk Heinrich Bölls*, München: DTV, 1997, p. 157.

²⁷ Böll, *Haus ohne Hüter*, p. 156, sublinhado nosso.

²⁸ Böll, *Casa Indefesa*, tradução de Jorge Rosa, pp. 163-4, sublinhado nosso.

BIBLIOGRAFIA

BALZER, Bernd. *Das Literarische Werk Heinrich Bölls*. München: DTV, 1997.

BENJAMIN, Walter. “The Task of the Translator”. Venuti, L., ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000, pp. 15-25.

BÖLL, Heinrich. *Haus ohne Hüter*. München: dtv, 1998. Tradução para português de Jorge Rosa. *Casa indefesa*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

BLUM-KULKA, Shoshana. "Shifts of Cohesion and Coherence in Translation". Venuti, L., ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000, pp. 298-313.

CORNISH, Francis. "Anaphore Pragmatique, Référence, et Modèles du Discours". Kleiber, Georges e Tyvaert, Jean-Emmanuel, eds. *L'anaphore et ses Domaines* (=Recherches Linguistiques XIV). Paris: Centre d'Analyse Syntaxique de L'Université de Metz, 1990, pp. 81-96.

KARTTUNEN, Lori. "Discourse Referents". *Syntax and Semantics*, Vol. 7. Academic Press, 1976, pp. 363-85.

KLEIBER, Georges. *Anaphores et Pronoms*. Louvain-la-Neuve: Duclot, 1994.

NABOKOV, Vladimir. "Problems of Translation: *Onegin* in English". Venuti, L., ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000, pp. 71-83.

REIß, Katharine e VERMEER, Hans J. *Grundlegungen einer allgemeiner Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1991.

SEARLE, John R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: CUP, 1969.

VENUTI, L., ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000.

VERMEER, Hans J. "Skopos and Commission in Translational Action". Venuti, L., ed. *The Translation Studies Reader*. London, New York: Routledge, 2000, pp. 221-32.